

## Eça, o conquistador da bela Angevina: leitura transliterária de *A bela Angevina*, de José-Augusto França

Francisco José Sampaio Melo<sup>1</sup>

CEFET (Terezina/PI, Brasil)



A partir de quatro fotografias de uma jovem desconhecida, encontradas no espólio de Eça de Queirós, na Fundação Eça de Queiroz de Tormes, por Beatriz Berrini, em 1989, José-Augusto França escreve um romance a que denomina “histórico”, pois fundamentado nos fatos que compuseram a carreira diplomática e literária do escritor oitocentista por volta de 1880, aos quais acrescenta os episódios de um imaginado enlace amoroso de Eça com a jovem de Angers. Tentativas infrutíferas foram feitas para se identificar tal senhora, mas o *Hotel du Cheval Blanc*, onde Eça se hospedava nas passagens por Angers e de onde escreveu algumas cartas, encerrou suas atividades na década de 1940, e o estúdio de um famoso fotógrafo da cidade seguiu o mesmo destino, sem que seja possível recuperar a história desses estabelecimentos pela ausência de documentos nos arquivos locais. No entanto, resta uma pergunta que não quer calar: quem é aquela bela angevina retratada ao lado de Eça de Queirós e a quem um Eça conquistador de mulheres poderia ter amado? Para responder ao questionamento, José-Augusto França deu asas à imaginação e construiu o romance que passamos a analisar nos parágrafos a seguir.

Estruturado em sete capítulos, o romance de José-Augusto França, intitulado *A bela angevina*,<sup>2</sup> conta, através de um narrador heterodiegético, episódios relacionados à estada de Eça de Queirós no *Hotel du Cheval Blanc*, em Angers, aproximadamente em 1880, para onde fora em busca de ares mais amenos. O primeiro capítulo, cujo título é *A chegada a Angers*, explica as motivações do deslocamento de Eça de Queirós, que do Consulado em Bristol, na Inglaterra, dirige-se até Angers, na França. Deparamo-nos, na abertura da narrativa, com um Eça cosmopolita, que, fugindo dos rigores climáticos da Inglaterra, desfruta dos bons ares da capital do Anjou. Além da amenidade climática, comportar-se-á como um fino apreciador da boa mesa e da hospitalidade dos angevinos. O narrador abre a narrativa situando-nos no tempo: somos informados que setembro estava findando

e o outono já se anunciava. Mas, a viagem não anima nosso protagonista, pois “a paisagem, pelo caminho, não o animara, e sentia-se, como sempre, alheio às belezas da natureza, mesmo outonal” (p. 9).<sup>3</sup>

O Eça que se desloca por Angers é um escritor de trinta e cinco anos, mas já bastante conhecido em seu País pelo sucesso que alcançou com a publicação dos romances *O crime de Padre Amaro* (1876) e *O Primo Basílio* (1878). No entanto, é também um artista atribulado pelos vários projetos literários que lhe cabe levar adiante: na temporada angevina, planeja escrever um livro a que chamará *O Mandarin*; cogita igualmente dar vida a personagens que agitam sua mente como aquela que será o Carlos de *Os Maias*. Um leque de esboços de textos povoa a mente criativa do protagonista:

outros planos fervilhavam-lhe no espírito, no isolamento de Newcastle, e o maior deles ia ganhando corpo, inchando, para além de um projecto já do ano anterior. E nisso ia ele empregar o seu tempo angevino, buscando a personagem feminina que precipitasse o drama que já era dos Maias (p. 11).

No impulso de escrever, logo que se sente alojado no hotel, Eça solicita ao gerente Monsieur Grasset uma mesa de pés altos a fim de que pudesse escrever de pé. Ele justifica o pedido dizendo tratar-se de uma pequena mania. Eça precisa escrever e, para ele, a escrita implica o cumprimento de um ritual capaz de criar um ambiente favorável ao exercício do texto.

No capítulo segundo Férias na Bretanha, o narrador continua a nos mostrar um Eça, de férias apenas do Consulado de Bristol, visto que as idéias literárias circulam sem parar por sua imaginação de artista *criador*: “*tinha para rever a nova edição do Primo, e queria terminar A Capital, em meio a uma série de novos romances ou novelas que programara, com entusiasmo, a par do Abranhos, primeiro concluído*” (p. 25).

Mesmo distante de Lisboa, portanto afastado do mundo sobre o qual versava sua literatura, Eça ambi-

ciona escrever obras que irão compor o que chama de “Cenas portuguesas”. Entre avanços e recuos, entre tantos obstáculos, ele segue sob o drama de uma escrita desafiadora:

era tarde de mais para continuar a esgrimir com aquelas folhas todas em que os Maias, pai, filho e avô, procuravam destino dramático, ainda muito longe do fim, depois de tantas mudanças de sítio e de personagens, numa Lisboa que via a distância (p. 27).

Entretanto, ele é dono de uma obra sobre a qual já se pode lançar um olhar retrospectivo sob o foco da saudade “Queiroz tinha, no correio, o último volume das *Farpas*, sobre o qual se debruçou com melancolia: ia longe a sua campanha alegre, e os alegres tempos de Lisboa” (p. 32-33). Ele se sente numa encruzilhada de textos que, após escritos, são abandonados, a fim de que outros textos surjam de sua pena pródiga:

E escrever, que escreveria ele, depois do *Abranhos* que ficara na gaveta? *A Capital* arrastava as folhas já impressas pela mesa do quarto, num desencanto irremediável, *Os Maias*, sim – ou talvez, crescendo à espera que algo acontecesse ao jovem Carlos [...]. E todos os outros planos de *Newscastle*? (p. 34).

No capítulo terceiro *Terras de exílio*, o narrador procede a um balanço dos acontecimentos marcantes vividos por Eça de Queirós nos anos que antecederam a estada em Angers: a visita ao Egito na inauguração do Canal de Suez; a temporada em Évora, onde fora diretor de um periódico local; a ida para Leiria como administrador do concelho; a escrita a quatro mãos de *O Mistério da estrada de Sintra*; a publicação de *As Farpas*, com o amigo Ramalho Ortigão; as Conferências do Casino; e a nomeação para ocupar o cargo de cônsul em Havana, em 1872. A par de seus dados biográficos, o narrador apresenta um Eça don-juanesco, um conquistador de corações femininos, um adepto de complicadas aventuras amorosas. Em Leiria, é amante da senhora do barão de Salgueiro; surpreendido em pleno jogo amoroso com a esposa do barão, é expulso do palacete por dois alentados servos do barão. Como toda Leiria viera saber do incidente, deixou a cidade, posto que a credibilidade administrativa do bacharel ficara definitivamente comprometida.

E outros amores animam a vida do rapaz. Em Havana, para onde foi mandado como cônsul de Portugal, conhece duas jovens americanas, “e dois amores dali saíram, com uma viagem pelos Estados Unidos que ocupou cinco meses do seu tempo consular” (p. 41-42). Tratava-se de uma menina que se assinava *Little girl* e de uma senhora casada dita Anna C., uma espécie de substituta da menininha. Entretanto, as americanas representaram somente uma aventura das mais passageiras, quase sem rastros, a não ser uma breve menção aos dias “dos mais singulares de sua existência”, numa carta ao Ramalho

Ortigão. Do balanço da viagem aos Estados Unidos, fica uma lembrança: a menininha Mollie Bidwell, a quem prometera casamento, visto que o pai dela era um rico industrial, mas, arrependido, apressa-se em escrever-lhe que “o casamento entre nós é impossível” (p. 42). Com Anna Conover, uma mulher casada que morava em Nova Iorque, viveu momentos de uma felicidade fugidia, pois logo tudo seria desfeito, sob o sofrimento daquela que não podia abandonar o marido e os filhos e sob o alívio do amante que faria, sem maiores atropelos, a viagem de regresso a Cuba. Em Havana, após o caso com as americanas, nosso protagonista escreve uma novela e põe “nela uma figura de mulher, burguesinha de vizinhança, de algum modo afogava a lembrança de Molly e de Anna, nas ‘singularidades de uma rapariga loira’ e gatuna...” (p. 44).

Paralelamente à trama amorosa, correm as cogitações que Eça de Queirós tece a respeito dos planos literários com os quais está envolvido. E essas maquinações de um profissional da escrita são reconstruídas a partir das cartas que ele dirige aos seus amigos literatos, aos editores, enfim, aos habituais correspondentes do escritor. Através de trechos dessas cartas, emerge a imagem de um escritor que transita por diversos projetos literários: alguns ele consegue levar adiante, porém outros ele abandona pelo caminho apesar de, em muitos casos, já ter deixado patente, em cartas, uma futura publicação. Assim, nesse movimento pendular, ele proclama ao editor o esboço de um romance que não tardaria a ser publicado, conforme podemos ler: “a primeira notícia pô-la numa carta de 5 de Outubro de 1877, quando ao seu editor Chardron apresentou o primeiro plano, juntamente com a última parte do manuscrito d’*O Primo Basílio*” (p. 45). Contudo, alguns romances são alardeados nas cartas que escreve aos amigos para uma posteriormente interrupção da anunciada iniciativa literária:

depois da sua nomeação, outro título, modificado quatro vezes, passou a primeiro lugar, e seria aquele com que ameaçava o amigo Ramalho, já em Novembro de 1877, o do escândalo [...] O Caso atroz de Genoveva, ou “*A tragédia* (ou “*O desastre*”) *da Rua das Flores*” (ou da “*Travessa do Caldas*”), ou “*Os Amores de um lindo Moço*” (p. 46).

Portanto, à história do escritor associa-se a história de sua literatura, pois, “a tudo isso, que ia sendo história da literatura, outra história pessoal se acrescentava” (p. 50). Da cabeça do escritor, emanam, num fluxo contínuo, variadas idéias que, se postas no papel, irão transformar-se em livros. Para isso, ele deve estar atento a um pequeno bulfício que seja de sua imaginação criadora: “para abrir apetite à ideia que de repente lhe veio, o “flamejou”, uma visão, um livro inteiro, com cenas e pormenores, personagens e episódios, a partir da fronteira do Caia!...” (p. 50). Porém, ante a recepção negativa ao anúncio de

um livro de teor antipatriótico, que não merecera um aval compreensivo nem do amigo Ramalho Ortigão, desiste da idéia de escrevê-lo, embora não tenha destruído o conto com o registro da idéia original:

Para *A Batalha do Caia* também: a vingança de Queiroz ficava gorada, como um brinquedo de criança, afinal, como não deixara de ser, nas suas aflições de fundos. Mas um conto com essa ideia havia ele de fazer, para a gaveta, embora: isso ninguém lho impediria... (p. 52).

No entanto, o protagonista do romance de José-Augusto França não se limita aos comentários sobre sua literatura. Ele, embora um tanto quanto comedido, sabe também expor as questões de ordem pessoal tais como: o endividamento contumaz por que passa e o isolamento sentimental em que vive. Sobre suas finanças, é dito:

Em Janeiro de 1878, tratara também ele da obtenção de um empréstimo, a juros, de oitocentos mil réis ou, melhor seria, um conto de réis, para se libertar de dívidas, sabendo, porém, que ia assim hipotecando o seu futuro e acumulando inquietações (p. 52).

Em carta a Ramalho Ortigão, o protagonista faz confidências de teor sentimental. Corre o ano de 1878, Eça tem mais de trinta anos e permanece um solteirão. Mas, ele não se encontra satisfeito consigo mesmo e descreve ao amigo o seu estado de “viuvez da alma”, que se manifesta no fato de não ter família nem paixão. Para tratar dos sentimentos, a seu ver, um assunto por demais delicado, ele usa o artifício da metáfora para melhor se expor, com brilhantismo, ante o amigo. Ele se compara, pelo sentimento, a uma péla, “ora botilhando pela lama, ora tentando pular para as nuvens: e de cada vez – tédio ou desilusão” (p. 53). Para vencer a aridez sentimental, aceita a idéia de vir a casar-se, pois possui agora uma outra visão do casamento: “Eu não tenho hoje pelo casamento aquele horror de outrora, comparável ao horror do cavalo selvagem pela manjedoura. Bem ao contrário...” (p. 54). E para esposa, Queiroz traça um perfil de mulher pintado pelas tintas do ideal e de certo conservadorismo: “E Queiroz deixou-se ir a uma descrição amável da mulher que antevia e precisava: “serena, inteligente, com uma certa fortuna (não muita), de carácter firme disfarçado sob um carácter meigo...” (p. 54).

Sobre o projeto de uma biografia, o romancista desaconselha tal empreendimento, conforme lhe fora solicitado pelo editor Ernesto Chardron, que lhe demandara, para viabilizar a escrita do texto, o envio dos dados biográficos e da indicação de um biógrafo. Em carta a Ramalho Ortigão, ele desconversa: “eu não tenho história, sou como a República do Vale de Andorra” (p. 56). Desse modo, Eça desautorizava a escrita de sua biografia. Mas, mesmo a contragosto do romancista, o narrador vai construindo a história de vida do protagonista. Daí acompanhamos sua transferência de Newcastle para Bristol, em 1878,

e a decisão de ir passar umas semanas em Angers, na França.

No quarto capítulo intitulado *Madame de Saint-Pastou – I*, após o recurso da analepse do capítulo anterior, no qual foram narrados episódios relacionados aos anos que antecederam a estada de Eça de Queirós em Angers, a ação volta-se novamente para os acontecimentos de Angers. Assim, passa-se a narrar o episódio do jantar na casa de Monsieur Grasset, para o qual Eça fora gentilmente convidado pelo anfitrião. Nesse jantar, o Cônsul português é apresentado a uma senhora chamada de Madame de Saint-Pastou. Trata-se de uma jovem e bela viúva, a *douceur angevine*, a bela angevina, que irá ocupar a atenção e o coração do Cônsul, que não é tão jovem nem tão belo. A viúva, que é sobrinha da esposa de Monsieur Grasset, tem uma filha pequena e muito engraçada que se chama Rose. A pequena repete o nome da filha de Maria Eduarda, de *Os Maias*, e, à semelhança da personagem queirosiana, é muito esperta e engraçada. Essa criança, com sua simpatia, conquista, de imediato, a afeição de nosso protagonista, como Rosa soubera conquistar a de Carlos, em *Os Maias*. A narrativa centra-se na figura daquela bela mulher, que é vista sob a perspectiva do cônsul enamorado. Para ele, a preocupação primeira consiste em saber qual é o seu estado civil, afinal, ele precisa averiguar de quem se trata para poder realizar a abordagem inicial. E seu olhar investigativo recai sobre aquele encanto de mulher:

Queiroz apreciava aquele encanto burguês, e o perfil de Marie, que o sol, entrando pela janela, nimbava, pareceu-lhe de uma *finesse* delicada e simples, o penteado alto, descobrindo o pescoço acima da gola engomada do peitilho pregueado; o cabelo era castanho-claro, brilhante e leve e corria atrás numa trança, o busto apertava-se com uma firmeza doce, cheia de dignidade (p. 77).

Enleado pela beleza de Marie, a angevina, não demora muito e o protagonista vem a saber que ela era viúva. Ela fora casada com um homem bem mais velho do que ela, um casamento por imposição da família. Nada impedia, então, que ele se aproximasse dela. E era isso que nosso cônsul mais queria. Seus olhos enamorados ansiavam por vê-la novamente: “Mas sobretudo olhava a porta, esperando que Madame de Saint-Pastou aparecesse e achou que podia, ou mesmo devia, perguntar por ela” (p. 83). Enfim, quando ela entra, ele se ergue vivamente. Ela não se mantém incólume aos olhares embevecidos do estrangeiro: ao contrário, num gesto de cortesia, convida-o a conhecer a cidade, onde há uma catedral com lindos vitrais, a que teria muito gosto em mostrá-los. Assim, pelas mãos de uma angevina tão solícita, ele visita a catedral. No passeio por Angers, irá apreciar, bem mais que o monumento arquitetônico, os encantos daquela doce mulher. Movido pelo deslumbramento que tal visão

lhe proporcionava, os olhos do enamorado captavam, com mais acuidade, os detalhes de um corpo sedutor: “Mas o Sol ainda forte da tarde fazia luzir-lhe, entre a malha apertada do véu (e pareceu a ele que o véu que hoje trazia era menos denso que da outra vez), uma carnação pálida, ebúrnea, diria” (p. 95).

No quinto capítulo intitulado *Marie*, encontra-se o núcleo da narrativa pela concretização do enlace amoroso entre Queiroz e Marie. A partir desse argumento sentimental, narra-se uma série de episódios, que, afastando-se de uma referencialidade biográfica, deriva para um simples torneio imaginativo de uma produção ficcional, visto que não consta que Eça de Queirós tenha tido algum envolvimento de natureza sentimental com a moça angevina estampada nas fotografias pertencentes ao espólio do escritor. Para contar essa história de amor, o narrador confessa que depende do protagonista a continuação do *firt* que ele mantinha com aquela senhora de Angers. E Queiroz tece uma série de galanteios à pessoa de Marie, numa linguagem típica dos amantes. Ele diz que ela “é a inspiração que durante todo esse tempo lhe faltara” (p. 100-101). A ela, o enamorado associa imagens que remetem sempre à luz. A amada é um corpo luminoso do qual emana um brilho que o inebria: “tudo negro à sua volta – se não fosse a sua imagem luminosa [...] a brilhar no escuro da sua vida” (p. 104).

É, em especial, através do magnetismo exercido pelos olhos, que ele se sente preso a ela: “fico bem pago se me olhar mais uma vez assim...” (p. 111), afinal “os olhos de Marie eram-lhe compensação maior” (p. 134). A angevina possui o ardor suficiente para subtraí-lo dos percalços da idade e assim remoçá-lo: “para ele tinha sido a inesperada aparição de um entusiasmo de mocidade, e oferecia-lhe uma chama de amor – a mais deliciosa chama em que uma mulher pode deixar queimar à vontade o seu coração” (p. 128). No calor da paixão, Marie constitui, para o amante, a luz que vai aquecer a vida desencantada daquele celibatário.

Para Queiroz, Marie força-o a romper com certa racionalidade, com a qual estava habituado a lidar, para adentrar nos meandros nebulosos do sentimento, onde reina o inesperado e às vezes o inconveniente da emoção. Para ele, deixar “o exílio de Bristol” para mais uma estada em Angers representa um ganho imenso, posto que, na cidade francesa, será possível encontrar a mulher do seu coração: “por ela viera, e não era ‘un coup de tête’, mas ‘un coup de coeur’” (p. 107). E ele, enquanto amante ansioso, conta os dias para voltar a vê-la e sente-se, então, apreensivo pela espera que julga longa: “não se viam há sete meses e três dias, certos, mais oito ainda, ou dez, ou onze, até poder encontrá-la...” (p. 107). Mas, a própria idéia do reencontro comporta a incerteza das atitudes da amada e a inquietude de seu espírito inquiridor: será se ele iria deparar-se com a Marie de antes ou com uma mulher

distinta daquela por que se apaixonara? Movido pela inquietação, ele se questiona: “como o receberia Madame de Saint-Pastou – ou Marie? Teria ela ainda tempo para recuar?” (p. 109). Nesse desassossego de alma, chega nosso apaixonado a Angers.

Na aproximação do par amoroso, a forma de tratamento empregada entre eles é um dado narrativo de crescente destaque. Da Madame de Saint-Pastou dos primeiros tempos a Marie com quem se envolve afetivamente, há uma longa caminhada com uma série de barreiras a superar, à medida que se passa da simples formalidade dos cumprimentos à intimidade de um casal que se enlaça num amor cada vez mais estreito. Instalada a cumplicidade amorosa, Queiroz pergunta à amante se poderia chamá-la apenas Marie. Ela concorda, contanto que não a interpele assim diante dos tios, ou seja, Marie aceita um tratamento informal na privacidade, mas requer a formalidade da vida pública: “Marie assentiu, num leve gesto de cabeça, mas pediu que, em casa, diante dos tios, continuassem a tratar-se por Monsieur et Madame” (p. 111).

Entre quatro paredes, com a liberdade dos amantes, Queiroz, quase por descuido, deixa escapar “chéri...”, mas, de imediato, suspende o pensamento para não confessar um amor, afinal, ele quer professar uma beleza, por isso proclama ardentemente: “ma belle angevine” (p. 128). Enquanto o amante delira na fruição de um prazer estético, Marie não hesita em patentear o grande amor que sente por ele: “Je vous adore, je vous adore, je vous adore...”. (p. 126). Em *Os Maias*, Carlos ouve da boca de Maria Eduarda uma declaração de igual teor: “Amo-te, adoro-te doidamente, até à morte!”<sup>4</sup> E, tal qual a heroína da obra-prima queirosiana, sem receio de expor-se de corpo e alma, ela lhe diz que “o seu coração se conservava sempre adormecido até que o vira...”. E acrescenta: “e além de ter o coração adormecido, o meu corpo permaneceu sempre frio, frio como um mármore...” (p. 131). A essa musa frígida, concedeu-lhe o parceiro os fogos do amor.

Pelos olhos enamorados de Queiroz, essa mulher adorável e adoradora ascende à esfera do divino, onde habitam as deusas. Na concepção do amante, seu nome já remetia à maior de todas as santas, e ela havia nascido num quinze de agosto, data da festividade da Assunção de Nossa Senhora. No amor que os unira, o protagonista tinha a impressão de que “os deuses estavam do lado deles” (p. 128). Na comparação com os deuses do Olimpo, ele seria Júpiter e Maria, Juno. Em posição olímpica similar, encontrava-se também a Maria Eduarda de *Os Maias*. Divina, esplêndida, sublime, ela se apresenta sob a face de Juno, no sonho que Carlos tem logo após avistá-la pela primeira vez no Hotel Central, em Lisboa:

uma mulher passava, com um casaco de veludo branco de Gênova, mais alta que uma criatura humana,

caminhando sobre nuvens, com um grande ar de Juno que remonta ao Olimpo: a ponta dos seus sapatos de verniz enterrava-se na luz do azul, por trás as saias batiam-lhe como bandeiras ao vento. E passava sempre...<sup>5</sup>.

Também para o Queiroz de José-Augusto França, na contemplação “mística” da linda mulher, sob seus olhos devotados inteiramente a ela, Marie revela-se sob a formosura de Juno, “com os cabelos soltos, divina na sua nudez, lhe aparecia realmente como uma deusa que ele sempre imaginara e que o arrebatara enfim...” (p. 130). A esses devotos da beleza, tais divas proporcionaram o arrebatamento místico das visões celestiais.

Estruturada em torno de uma fotografia encontrada no espólio de Eça de Queirós, que comparece, enquanto paratexto, nas ilustrações da capa e contracapa da obra, a narrativa de José-Augusto França passa a romancear os fatos que irão justificar a presença de uma senhora de Angers num conjunto de reproduções fotográficas pertencentes ao escritor. Caracterizado o envolvimento sentimental, Marie oferta ao amante dois retratos em que está estampada, num gesto de quem quer selar um amor num objeto de recordação a ser guardado com alta estima: “ela deu-lhe um pequeno sobrescrito: Podia abrir? Um sorriso dela e abriu: eram dois retratos a sêpia de Marie” (p. 116). O retrato fora tirado no *atelier* de E. Maunoury, um fotógrafo que, vindo de Paris onde obtivera fama profissional, trabalhou na Angers da segunda metade do século XIX. Como retribuição, num amor sacramentado pela troca de retratos, Queiroz, de igual modo, oferece à amada uma fotografia “ele tinha uma surpresa para lhe dar... A surpresa era um retrato que fora tirar no atelier Maunoury” (p. 129).

Na comunicação que se faz pelos retratos ofertados, os amantes querem perpetuar a transitoriedade de um desejo no registro documental da fotografia. Os retratos serão testemunhas de uma chama de amor que os unira, mas que teima em se consumir sem maiores esperanças. Na despedida, a oferta do retrato tenta disfarçar a melancolia da separação: “nessa altura, ele deu-lhe um dos retratos que tirara. “Estou bem?”, perguntou. Ela só fez que sim com a cabeça, e guardou-o silenciosamente na bolsa de veludo preto” (p. 132).

Numa recorrente associação com *Os Maias*, no que tange ao aspecto do enlace amoroso entre Carlos e Maria Eduarda, o narrador de *A bela angevina* encarrega-se de relacionar as personagens Queiroz e Marie com o casal trágico da obra queirosiana. Numa conversa descontraída com sua amada, o protagonista chega a apresentar-se com o nome de Carlos, manifestando, assim, um autor à sombra da personagem: “ele acrescentou ainda: ‘O meu nome é Carlos que o mundo ignora...’ [...] Carlos era um *alter ego* que estava a pôr em cena, e que caminhava todos os dias a seu lado, tal uma sombra amável” (p. 113). Com

essa revelação, Marie entra no jogo das representações e pergunta se ele era o herói do romance que escrevia. Ele confirma a identificação entre eles, mas, com a constatação de que não havia herói sem heroína, retorna a palavra a ela com uma pergunta perturbadora: “sabia ela como se chamava essa *avis rara, oiseau de paradis?*” (p. 113). E assim conclui: “ela se chama Maria – incontornavelmente, irredutivelmente, inesquecivelmente” (p. 113).

No Queiroz do romance de José-Augusto França, desenha-se um escritor cioso dos inúmeros projetos literários aos quais tenta dar bom termo. Por sua mente, perpassam as personagens de *Os Maias*, a história de *O Mandarin*, o romance somente iniciado de *A Capital*, enfim, a cabeça do protagonista é um turbilhão onde fervilha uma infinidade de idéias literárias:

os seus projectos literários de Newcastle tinham abortado, ou deixara em pastas manuscritos redigidos a eito, nas proporções projectadas, ou fora inchando cenas e cenas, nas ruas d’A Capital. De qualquer modo, nada disso lhe interessava agora, nas voltas d’Os Maias (p. 101).

No entanto, entre os romances sobre os quais se debruça naquele momento, merece maior destaque a escrita de *O Mandarin*. Numas férias em Angers, ele passa a escrevê-lo:

em três dias montou a existência medíocre do seu herói, fez aparecer Lúcifer, desencadeou todo o processo que o ia levar à China, para se perdoar de tanta riqueza. Ia ser um romance curto, como os que projectara para as Cenas, mas bem diferente deles, ou bem distante, naquele intervalo da sua vida... (p. 124).

Em nota à carta de Eça de Queirós a Ramalho Ortigão, de 20 de fevereiro de 1881, Guilherme de Castilho confirma o fato de *O Mandarin* ter sido escrito na passagem de Eça por Angers: “*O Mandarin* foi escrito durante o mês de Junho de 1880 em Angers, no litoral norte da França, onde Eça se demorou algum tempo, na sua viagem de Lisboa para Bristol”.<sup>6</sup>

Mas, o escritor precisa da recepção do leitor ao seu texto, por isso “veio-lhe vontade de contar do mandarim de que começara a escrever, quando mais não fosse para testar o interesse de um leitor burguês e médio” (p. 119). Publicado o livro com a história do Mandarin sobre o qual labutou por vários meses, o escritor investe em outros romances aos quais precisa se dedicar: “e terminava rapidamente o romance do Teodoro para poder então, e para sempre (diria), terminar *Os Maias* há muito prometidos” (p. 130).

No capítulo sexto intitulado *Madame de Saint-Pastou – 2*, a narrativa encaminha-se para seu desfecho. O próprio título revela que Marie volta a receber o tratamento utilizado anteriormente de *Madame de Saint-Pastou*, ou seja, uma espécie de adeus à amante e o regresso da senhora viúva de cuja intimidade não mais

quer partilhar. Após o clímax do enlace amoroso, resta agora ao narrador contar os fatos a respeito da separação do casal. Antes de selar a despedida, a narrativa adquire um fôlego extra apenas para incluir a história de mais um retrato encontrado no espólio do escritor. Desta feita, trata-se de uma fotografia em que se apresenta a figura de Alberto, irmão de Eça de Queirós, ladeado pelo irmão e por Marie. O registro fotográfico fora feito no atelier de Monsieur Maunoury, em Angers, na visita que o irmão e o romancista faziam à cidade. Retrato esse que vem estampado na contracapa do romance de José-Augusto França como um recurso paratextual no qual se alicerça o cerne da narrativa. O retrato assinala o final de um caso amoroso pela separação de um casal; casal esse que, além de se manter distante e um tanto distraído, permanece afastado fisicamente pela interposição de Alberto no centro da fotografia.

O amante que deixa um amor para trás logo é substituído por um escritor às voltas com sua imaginação criadora. A experiência de um drama amoroso vivido com Marie dá lugar à elaboração da trama romanesca de uma obra prima:

tanto quanto pormenorizava as imagens, a figura de Marie assumia a de outra Maria, assim baptizada de propósito, agora, na sua imaginação, que era uma imaginação de romancista recriando seres de papel, em situações que não podiam interessar-lhe mais (p. 138).

Pelas indicações do narrador, Marie serviu de dado referencial ao escritor na construção da personagem Maria Eduarda de *Os Maias*. E nessa miscelânea de histórias, de personagens que se inter cruzam, de faces ficcionais que se interpenetram, o universo romanesco entrecrocasse, num jogo de espelhos e de duplicação, onde não é mais possível traçar uma delimitação entre as narrativas construídas, entre os perfis delineados: “era, para ele, um deserto de areias movediças: a imagem apareceu-lhe de repente, num grande pânico. Como faria ele com Maria, ele Carlos – ele José, com Marie?...” (p. 165). Sob essa pergunta deixada em aberto, paira uma indecisão sobre o destino do amor que rumo a passos certos para “onde nada era definitivo. E era melhor assim...” (p. 160). Enfim, Marie toma a iniciativa de acabar com a ilusão daquela aventura. E José compreende que havia perdido a mulher por ele idealizada, logo que passou “o tempo ideal no desejo satisfeito” (p. 170).

No capítulo final dito *Partida de Angers*, a narrativa avança no tempo para fazer um balanço das histórias de vida de José e Marie passados alguns anos da separação. Marie havia casado com um homem mais velho e bom, retomando sua vocação primeira de ser esposa de um homem mais idoso do que ela. Será se ela estaria moldada para a frieza sentimental após ter saído chamuscada pelo fogo de uma paixão única? E o nosso protagonista prefere

navegar em mares mais pacíficos, deixando-se ancorar num casamento convencional com Emília? Pois bem, sua história “limitava-se a um jardim íntimo, nos arredores de Paris, quatro filhos brincando à volta, uma esposa com terras solarengas no Norte e no Alentejo, embora pobres” (p. 176). E o narrador, sem poder inventar mais, dá por concluída a história da bela angevina de um escritor português.

Ao contrário de biógrafos de Eça de Queirós, do porte de João Gaspar Simões, que, na biografia sobre o autor oitocentista,<sup>7</sup> considerou que Eça, em sua vida de solteiro, tendia apenas a envolver-se com mulheres vulgares, José-Augusto França aposta, no seu romance, num relacionamento sofisticado com uma bela mulher pertencente à fina flor da sociedade de Angers. E a partir de fotografias encontradas no espólio do escritor português, nas quais Eça de Queirós posa ao lado de uma senhora angevina até o momento não identificada, o autor contemporâneo elabora todo um enredo romanesco em que põe Eça como personagem que vai relacionar-se amorosamente com a figura feminina imortalizada na fotografia.

O Eça ficcionalizado no romance não é mais aquele das aventuras anônimas com prostitutas, porém um diplomata mundano sujeito a investidas amorosas com uma bela moça burguesa de uma propalada cidade da França para onde havia se deslocado em férias de verão. Ao escritor português tomado como personagem do romance de José-Augusto França, é dado o lance aventureiro de um amor de ocasião. Numa rede intertextual, o criador nivela-se à criatura, com um Eça de José-Augusto França propositalmente espelhado no Carlos de *Os Maias*, a fim de recontar a história de amor do protagonista por uma bela mulher, de igual modo chamada Maria. No entanto, a criatura, numa cadeia ficcional de inúmeros refletores, revela o criador, com um Queiroz construído sobre a solidez da biografia de um homem dedicado à escrita, mas também sobre a leveza da criação inusitada de um conquistador de uma bela mulher.

## Notas

- <sup>1</sup> Doutor em Letras pela PUCRS e Professor do CEFET – PI.
- <sup>2</sup> Angevino(a) é o adjetivo gentilício para aquele(a) da ou pertencente à região de Angers. No texto, significa a mulher natural ou habitante de Angers, na França.
- <sup>3</sup> FRANÇA, José-Augusto. *A bela angevina*. 2. ed. Lisboa: Presença, 2005. Todas as citações serão retiradas dessa edição, indicando-se, no texto, o número da página.
- <sup>4</sup> QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias por Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. I, p. 1388.
- <sup>5</sup> *Ibid.*, p. 1167.
- <sup>6</sup> CASTILHO, Guilherme de. Nota 2 à carta a Ramalho Ortigão, de 20 de fevereiro de 1881. In: QUEIRÓS, Eça de. *Correspondência*. Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho. Lisboa: INCM, 1983. v. I, p. 187.
- <sup>7</sup> Cf. SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Eça de Queirós*. 3. ed. Amadora: Bertrand, 1980.